

## 4. Conclusão

A análise da obra do historiador cearense João Capistrano de Abreu que empreendemos neste trabalho partiu da hipótese de que em seus textos podemos ler a confluência de duas formações: a de Capistrano como historiador moderno e a do Brasil como nação.

A demonstração do argumento, feita sempre a partir da leitura dos textos do próprio autor, implicou na realização de três movimentos. Num primeiro momento, observamos a opção de Capistrano em se dedicar ao ofício de historiador a partir de um diálogo crítico com seu principal antecessor, Francisco Adolfo de Varnhagen. Concluimos este primeiro momento sugerindo que Capistrano, mesmo reconhecendo os méritos do visconde de Porto Seguro, acalentara o sonho de escrever a História do Brasil, motivado tanto por convicções científicas, quanto pela idéia de que a nação precisava completar seu processo de formação iniciado nos tempos coloniais.

Num segundo momento, analisamos os caminhos até então não desbravados da formação da nacionalidade, a partir do povoamento do sertão. Este tema é um dos aspectos da originalidade da contribuição de Capistrano de Abreu à historiografia brasileira. Tentamos demonstrar como o projeto intelectual que aparecera alguns anos antes repercutiria mais tarde na redação de trabalhos importante do autor, como os *Caminhos antigos e povoamento do Brasil* e os *Capítulos de História Colonial*.

O terceiro momento consistiu numa tentativa de estabelecer um diálogo do autor consigo mesmo. A partir dele, constatamos as mudanças pelas quais passou o plano de escrever a História do Brasil imaginado pelo autor. A análise do resultado de anos de pesquisa e reflexão, que aparecem nos *Capítulos de História Colonial*, permitiram-nos concluir que com a publicação desta síntese, embora restrita ao período colonial, Capistrano iniciou um movimento que faria Varnhagen descer de seu pedestal.

Ao concentrarmos a atenção no período 1880-1907, aproximadamente, tínhamos como objetivo tornar claro que Capistrano, tendo começado sua trajetória de reflexão sobre a História do Brasil *a partir* de Varnhagen, pôde constituir um caminho próprio e original.

Sabemos, embora não tenhamos trabalhado este ponto, da influência dos *Capítulos de História Colonial* naqueles que poderíamos considerar os sucessores de Capistrano. É assim, por exemplo, que poderíamos referir a Paulo Prado, que após ter lido os *Capítulos* durante um acesso de gota, “ganhou amor à História do Brasil” como o próprio Capistrano relata ao amigo português João Lúcio de Azevedo. Daí surgiria a publicação da Série Eduardo Prado para melhor conhecer o Brasil. Este “capítulo”, entretanto, fica para outra oportunidade.

Ao escolher Capistrano para dialogar, optamos também por refletir sobre aspectos da formação brasileira, aprendendo sobre as transformações pelas quais passaram as representações sobre a História do Brasil a partir de sua obra e de sua relação com esforços anteriores. Procuramos especificar estas transformações e com isso atentar para a historicidade das mesmas.

Eleger a historiografia como objeto de estudo, implica em lidar não apenas com o texto redigido pelo autor estudado, mas com as redes de relações sociais e intelectuais por ele estabelecidas. Embora procurando sempre partir do próprio texto do autor, não nos devemos furtar a percebê-lo num quadro mais amplo de questões com as quais ele dialoga.

Assim, o trabalho de reflexão e pesquisa de Capistrano, por exemplo, se torna mais compreensível a partir da percepção de sua relação necessária com o “pedestal de Varnhagen”. Sua presença em numa instituição como a Biblioteca Nacional sugere a escolha pela prática de um determinado ofício e a rejeição de métodos prevalentes no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Por outro lado, por mais que tenha dito que se recusou a fazer parte da Academia Brasileira de Letras por “ser avesso a qualquer sociedade, por já achar demais a humana”, podemos ler a recusa como confirmação de sua concepção da história, doravante campo autônomo e separado da literatura.

Cumpramos acrescentar que este trabalho foi pensado como uma contribuição à História da historiografia brasileira. Não se pretendeu, obviamente, tratar da totalidade dos temas que Capistrano de Abreu aborda, mas verificar neles alguns pontos que nos fazem pensar não apenas sobre a História do Brasil, mas sobre como um determinado autor, em uma época específica, constituiu uma interpretação da

trajetória da nacionalidade brasileira. “A grandes traços e largas malhas”, Capistrano traçou os caminhos de uma nacionalidade em constituição e composta por mestiços, pretos forros, bandeirantes, conquistadores, vaqueiros, mineiros, paulistas, pernambucanos, baianos, índios, enfim, pelo resultado do encontro das “três raças irreduzíveis”. Preocupou-se com a continuidade social da frágil nacionalidade que se formava.

“Cinco séculos depois” podemos apenas imaginar o que pensaria Capistrano de um tempo em que alguns dilemas que ele diagnosticou no “organismo colonial” permanecem – com outras formas - desafiando o processo de formação da nacionalidade.